

O "Se7e" com os Clash em Cascais e San Sebastian

"Temos vergonha de ser ingleses..."

págs. 14/15



“Se7e” revela

The Clash ao vivo este mês em Cascais

pág. 20

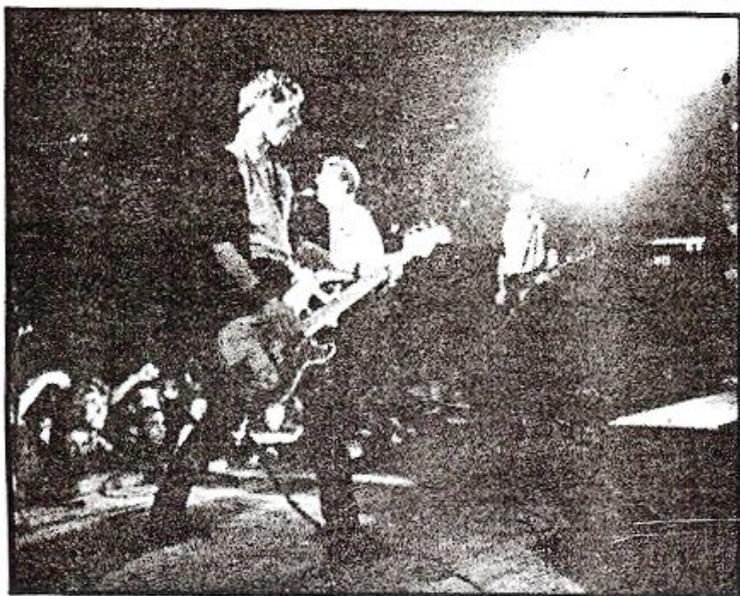


Os Clash estão aí a rebentar

«Esta é uma homenagem ao melhor grupo Rock da actualidade.» Assim falou Bruce Springsteen no passado dia 21 quando, em Barcelona, encerrava um concerto de três horas com o conhecido tema dos Clash, «Spanish Bombs». Em Barcelona, onde também deveriam ter actuado os Clash — o que não aconteceu pois o avião que transportou Mick Jones (guitarra) Joe Strummer (voz) Paul Simonon (baixo) e Topper Headon (bateria) atrasou-se.

Estiveram, no entanto, ontem, terça-feira, em Madrid, de onde partem na próxima quinta-feira, dia 30, rumo a Lisboa. Nessa altura, já os dois camiões TIR que transportam a sofisticada aparelhagem do grupo deverão estar estacionados nas redondezas do Pavilhão de Cascais. Na manhã, desse dia, um staff de 27 técnicos encarregar-se-á de instalar (e depois testar) todo o material num palco com vinte metros de largura. Pouco depois (à tarde), os quatro Clash, entretanto chegados a Lisboa, farão o tradicional **check sound**. A noite, pelas 21 horas, rebenta a festa. O que então se passará é imprevisível, sendo certo que, para além de uma potente bateria de luzes de palco, a actuação dos Clash será acompanhada da projecção de slides.

Segundo informações colhidas pelo «Se7e», o grupo deverá tocar entre duas e três horas (tudo depende da reacção do público), ao longo das quais interpretará alguns dos seus temas clássicos,



Os Clash no palco e nos bastidores: os dois rostos de uma digressão

como «London Calling», «White Riot», «London's Burning» e, naturalmente, grande parte das composições do álbum triplo «Sandinista». Mas antes dos Clash subirem ao palco actuará a banda portuguesa **Táxi** e a norte-americana Pearl Harbour, a protegida do grupo inglês.

Os **Táxi**, cuja actuação não deverá ultrapassar os 30 minutos, irão interpretar alguns temas do seu primeiro álbum, a sair na segunda semana de Maio. Esta será a primeira apresentação ao vivo, na Grande Lisboa, de João Grande, Henrique Oliveira, Rui Tabora e Rodrigo Freitas. Uma actuação esperada com muita curiosidade, já que sendo conhecida a qualidade do seu trabalho em disco se espera agora a prova decisiva: a actuação ao vivo.

Sem nenhum disco editado entre nós, Pearl Harbour poderá vir a ser a grande surpresa do concerto. Pelo menos as críticas tão diversas vindas a lume na imprensa inglesa são suficientes para chamar a atenção sobre esta norte-americana nascida em S. Francisco, que aprendeu música sem nunca ter tocado qualquer instrumento. Esta é uma façanha que a artista explica nos seguintes termos:

«A música passa, fundamentalmente, pela minha cabeça. É aí que ela se desenvolve. Não sou de procurar a música nos instrumentos.» Foi na cidade natal que formou a sua primeira banda, **The Explosions**, tendo então assegurado várias primeiras partes dos **Tubes**. Alguns meses depois, o grupo

desfazia-se, porque «cada músico tinha uma ideia diferente». Pearl Harbour mudou-se para Londres onde gravou o seu primeiro longa-duração — «Don't Follow Me». O seu estilo assemelha-se ao de Dolly Parton e, juntamente com a banda que agora a acompanha, assegurou recentemente as primeiras partes de espectáculos de agrupamentos como os **B 52**, os **Talking Heads** e, naturalmente, os **Clash**. Quanto a influências, Pearl Harbour confessa estar marcada por Dolly Parton, Wanda Jackson, Tina Turner e Patsy Cline. Para aqueles que gostam de pormenores, podemos adiantar que a Pearl tem um nariz postiço, que teve de colocar depois de sofrer um acidente de barco.